

## **I Guerra Mundial (1914 - 1918): Um *accident* no livro didático Britânico**

**Rogério Justino  
Vitor Sergio**

### **Resumo:**

Este artigo expõe que o livro didático é uma fonte documental relevante para a História da Educação, dentro da perspectiva da Nova História Cultural. Assim, tem-se o objetivo de investigar como a I Guerra Mundial teve a sua representação construída a partir de um livro didático britânico em contraposição a um livro brasileiro. Destacando como a narrativa britânica produz uma representação da guerra sustentada no argumento de um grande “acidente”, deslocando os elementos beligerantes antecedentes ao conflito para setores pontuais e para outras instituições, sem a ação direta dos Estados europeus.

**Palavras-chaves:** Livro didático, representação, I Primeira Mundial

### **Introdução:**

Este artigo é resultado de uma série de pesquisas feitas sobre livros didáticos de História, especificamente nos capítulos sobre a I Guerra Mundial, visto que em 2014 o conflito completa 100 anos de seu início, portanto é um momento interessante para se refletir sobre o ocorrido. Dos livros didáticos estudados durante as pesquisas, que envolveram livros de História da Inglaterra, Brasil, Chile, Argentina e México, foi escolhido para a produção deste trabalho uma obra escrita na Inglaterra, *An introduction to Modern European history 1890-1990* (FARMER, 2009), visto que ele apresentou uma construção narrativa muito peculiar, pois o autor ao longo de todas as 64 páginas dedicadas a explicar a I Guerra Mundial faz um esforço narrativo para colocar o evento como resultado de um grande “acidente” sem que as nações envolvidas, bem como seus dirigentes, tivessem a malícia, ou mesmo a leitura de um momento político que pudessem resultar em grande conflito.

Ao longo dos capítulos o autor vai refutando os argumentos de intencionalidade e colocando o “acaso”, o “imponderável” dentro da I Guerra Mundial, deslocando as ações belicistas para esferas locais, ou mesmo pessoais, especialmente quando trabalha os antecedentes, e assim constrói uma representação sobre o conflito. Como contraponto ao livro Inglês foi analisado o livro brasileiro História Global, Brasil

e Geral (COTRIM, 2002), que apesar de ancorado em fatos históricos similares, traduz uma narrativa muito menos detalhada e não coloca entre suas linhas o termo “acidente”.

Os dois livros foram produzidos, tanto o inglês quanto o brasileiro, para servirem de suporte ao professor tanto para as séries finais da educação básica em seus respectivos países, quanto como material de preparação para os exames de massa, no Brasil o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e na Inglaterra o *A level*.

Metodologicamente, nesse artigo, o livro didático foi tratado como um documento, uma fonte para a História da Educação, um objeto cultural que possui em si uma história e é resultado da ação de vários sujeitos que atuaram sobre ele, traduzindo como elemento final no encontro com o leitor uma importante fonte de interpretação, informação e educação. Refutando teorias dualistas que buscam “teorias da conspiração”, o trabalho sobre as fontes buscou ao inquiri-las fazer as fontes falarem. E neste diálogo com os livros perceber as representações neles presentes, sobre a I Guerra Mundial.

#### **A ESCOLHA DAS FONTES E SUA RELEVÂNCIA:**

Os livros pesquisados foram:

- *An introduction to Modern European history 1890-1990*, (FARMER, 2009).
- História Global, Brasil e Geral, (COTRIM, 2002).

A escolha destes livros foi feita levando em consideração alguns critérios:

**1º Critério:** Devem ser livros didáticos produzidos para serem utilizados por alunos das séries finais da educação básica. Desta forma é possível ter uma noção sobre qual público recebe o livro. É certo que após o livro ser posto em circulação não é possível saber em quais mãos ele irá parar, porém como livros didáticos destinados a certos níveis de ensino é possível, ao menos, ter uma noção da intencionalidade do autor. Pois escrever um livro para anos iniciais é diferente de escrever um livro para os anos finais, diferenciando-se por conteúdo, forma, vocabulários e portanto, mesmo tratando de um mesmo tema, são muito diferentes

**2º Critério:** Os autores e os editores devem ser do país onde o livro circula. Neste ponto o que se tentou evitar foi encontrar livros que são produzidos para serem consumidos em “qualquer lugar” em que a língua, na qual foi escrito, seja entendida. Este cuidado, não uma certeza, de que ao produzir o livro para um determinado público nacional, a forma de se escrever também é influenciada e o autor leva tais elementos em consideração ao produzir:

Tais critérios para a escolha das fontes foram resultado das considerações feitas a partir de Munakata (2012), Munakata (1997) e Chartier (1990) e conforme Chartier (1990, p.126) citado por Munakata (2012, p.183)

Contra a representação [...] do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do “autor”; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor. Esta distância, que constitui o espaço no qual se constrói o sentido, foi muitas vezes esquecida pelas abordagens clássicas que pensam a obra em si mesma, como um texto puro cujas formas tipográficas não têm importância, e também pela teoria da recepção que postula uma relação direta, imediata, entre o “texto” e o leitor, entre os “sinais textuais” manejados pelo autor e o “horizonte de expectativa” daqueles a quem se dirige.

Tais considerações são também os elementos que guiam a abordagem das fontes e o modo como elas foram inquiridas. Analisar um livro didático produzido como mercadoria para ser consumida no contexto escolar é diferente de analisar um livro de romance feito para o consumo privado. Desta forma, ele é pensado como um dispositivo cultural resultado de uma prática, neste caso uma prática escolar que se efetiva nas relações educacionais, que descende dos antigos manuais e chega, no caso brasileiro em virtude do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) a virar uma questão econômica ligada ao Estado, movimentando cifras milionárias. (MUNAKATA, 2012) (NUNES e CARVALHO, 2005)

Nesse sentido, um livro didático, ao materializar um discurso a respeito de determinados fatos, no caso dos livros de História, sobre fatos históricos eles produzem representações sobre eles. E considerando a observação de Foster (2006, p.157) “In short, the standard conventional textbook continues to dominate classroom instruction and teachers rely on a single textbook as the principle source of knowledge”, é possível considerar a relevância dos livros didáticos no contexto escolar e a força que as representações produzidas pelos textos possuem diante daqueles que as recebem. Nesse trabalho a recepção e a circulação não serão analisadas, mas consideradas, principalmente quando da escolha das fontes.

No caminho da Nova História Cultural ao criticar as fontes “convém evitar o esquematismo simplista que vê em toda mercadoria a sombra do mal (e da indústria cultural)” (MUNAKATA, 2012, p.184), mas como ressalta o próprio Munakata (2012), não se pode também desconsiderar o fato de que o livro didático “é uma mercadoria destinada a um mercado específico: a escola” (MUNAKATA, 2012, 185), mas ser uma mercadoria é uma característica do livro, não a única, e neste artigo a procura foi buscar a resposta ao questionamento a partir da fonte, buscando fazer as representações emergir das páginas do livro a partir do ofício do pesquisador.

O conceito de representação é referenciada a partir de Chartier (1990, p. 17):

“As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais”

Nesta perspectiva o livro didático tomado em sua materialidade e pensado em sua totalidade, apresenta em suas páginas, somando texto, gravuras, mapas e ordem dos capítulos uma representação. No caso específico de livros de História, esses são criadas representações sobre eventos históricos selecionados e escolhidos para serem ensinados aos seus consumidores, presumivelmente estudantes e professores.

O caminho para analisar as fontes, ou para lembrar Michel de Certeau, iniciar *operação histórica*, foi refletir sobre qual a ordem que o livro impões ao receptor, pois segundo Chartier (1999, p,8) “O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem da sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido”, desta forma foi iniciada a pesquisa, tentando compreender qual, ou quais, as ordens que os livros nos impõe.

### **A RELEVÂNCIA DADA AO CONFLITO**

O livro Inglês (FARMER, 2009) possui ao todo trezentas e sete páginas sendo sessenta e quatro páginas dedicada à I Guerra Mundial, o livro Brasileiro (COTRIM, 2002), possui um total seiscentas e oito páginas e dedica nove páginas ao conflito. Ao

buscar a materialidade das fontes, sem perder de vista o alerta de Munakata (2012, p.184) de que “materialidade não é apenas isso”, e que a “noção de materialidade, em suma, remete à materialidade das relações sociais em que os livros (inclusive didáticos) estão implicados.”, é que se torna relevante o número de páginas, não apenas quantitativamente, mas como um indício material da importância dedicada ao evento.

Percentualmente o livro Inglês (FARMER, 2009) dedicou vinte vírgula oito por cento (20,8%) de suas páginas a I Guerra Mundial, enquanto o livro Brasileiro (COTRIM, 2002), dedicou um vírgula quatro por cento (1,4%) ao tema. Desta forma é possível através destes dados observar a relevância dada ao conflito em cada uma das fontes. Farmer (2009), dedica muito mais espaço em sua obra para explicar o conflito, enquanto Cotrim (2002) reduz a poucas páginas, e esta quantidade de páginas, lembrando que não é possível desconectar conteúdo e forma, já em si parte da construção da representação sobre a I Guerra Mundial suportada por cada obra.

O número de páginas dedicadas impõe uma ordem ao leitor da obra bem como a sequência de apresentação dos fatos e o ordenamento da apresentação dos capítulos.

### **A CONSTRUÇÃO DO ACIDENTE**

No livro de Cotrim (2002) é utilizado o recurso de palavras ou expressões em negrito utilizadas para dar destaque aos termos que orientam a atenção e a leitura do capítulo. Ao total são 20 expressões em destaque apresentadas a seguir, na ordem que são apresentadas no texto:

Pan-eslavismo, pangermanismo, revanchismo francês, paz armada, tratados de aliança, tríplice aliança, tríplice entente, crise do Marrocos, Crise Balcânica, Grande Sérvia, estopim da Primeira Guerra Mundial, Francisco Ferdinando, Unidade ou Morte, Primeira Fase (1914 - 1915), Segunda fase (1915 - 1917), guerra de trincheiras, Terceira fase (1917 - 1918), Tratado de Versalhes, Liga das Nações e isolacionista (COTRIM, 2002)

A partir da leitura destas expressões é possível verificar uma ordem linear para contar o conflito, mesmo sem utilizar os termos “causas e antecedentes”, “desenvolvimento” e “efeitos e consequências”, é possível separar muito claramente as expressões nestas três categorias:

**Causas:** Pan-eslavismo, pangermanismo, revanchismo francês, paz armada, tratados de aliança, tríplice aliança, tríplice entente, crise do

Marrocos, Crise Balcânica, Grande Sérvia, estopim da Primeira Guerra Mundial, Francisco Ferdinando, Unidade ou Morte;

**Desenvolvimento:** Primeira Fase (1914 - 1915), Segunda fase (1915 - 1917), guerra de trincheiras, Terceira fase (1917 - 1918);

**Efeitos e consequências:** Tratado de Versalhes, Liga das Nações e isolacionista.

A estrutura da narrativa do livro brasileiro (COTRIM, 2002) e do livro inglês (FARMER, 2009) são muito semelhantes quanto a estrutura narrativa e aos fatos em que se ancoram, as palavras em negrito não são um recurso utilizado por Farmer (2009), mas o título das divisões são o caminho sobre o qual a narrativa se estrutura:

A guerra é narrada em dois capítulos. O primeiro intitulado *The Origins Of The First World War*, é subdividido em sete subtítulos: *Colonial Rivalry*, *Bismarck's Legacy*, *European Relations: 1890 – 1907*, *Increasing Tension-1908 -13*, *The July Crisis*, *Which Country Was Most to Blame for the First World War?*, *What Were the Main Causes of the War?*. O Segundo capítulo tem o título *The Impact of The First World War*, dividido em cinco subtítulos, porém os subtítulos dois (02) e três (03) falam sobre a Revolução Russa, e foram retirados da análise, aqueles que falam exclusivamente sobre a Guerra são: *Why Did the War Last so Long?*, *Why Were the Central Powers Defeated?*, *The Peace Settlement*. Da mesma forma que foi feito com o livro de Cotrim (2002), é possível organizar linearmente o conflito no livro de Farmer (2009), agrupando os subtítulos da seguinte forma:

**Causas:** *Colonial Rivalry*, *Bismarck's Legacy*, *European Relations: 1890 – 1907*, *Increasing Tension-1908 -13*, *The July Crisis*, *Which Country Was Most to Blame for the First World War?*, *What Were the Main Causes of the War?*;

**Desenvolvimento:** *Why Did the War Last so Long?*;

**Efeitos e consequências:** *Why Were the Central Powers Defeated?*, *The Peace Settlement*.

Por esta investigação é possível compreender que o caminho traçado pelos dois livros é muito similar, contribuindo para uma narrativa tradicional de eventos históricos, construído uma representação de que os conflitos são resultado de determinados fatos e que apresentam consequências específicas, podendo ser sistematizado e narrado com precisão.

A iconografia presente nas duas fontes colabora para construir uma representação semelhante quanto a um conflito eminentemente europeu, centrado nos grandes feitos e nas relações entre as grandes nações e seus líderes. Cotrim (2002) através de duas fotografias, retratando soldados nas trincheiras (COTRIM, 2002, p.419) e alemães desempregados (COTRIM, 2002, p.420) coloca um pouco de pessoas comuns no conflito, porém no texto principal tais considerações não aparecem, e as fotos são ilustrativas e não problematizadas. Em Farmer (2009) existem apenas duas fotografias em todo o livro, sendo uma (FARMER, 2009, p.96) mostrando um território arrasado do fronte ocidental e outra com os *Big Three* (FARMER, 2009, p.96), David Lloyd George, Georges Clemenceau e Woodrow Wilson, ainda persistindo os grandes nomes.

Corroborando com as fotografias os mapas geográficos, muito mais frequentes, focam no território europeu, em Cotrim (2002) dois mapas em Farmer (2009) dez (10) mapas. Valorizando ainda mais a Europa como centro da Guerra.

Portanto não se constata grandes distanciamentos entre as narrativas e a estrutura textual das fontes estudadas, contribuindo para a percepção de uma representação vencedora sobre a I Guerra Mundial compartilhada dos dois lados do Atlântico.

Porém, uma possibilidade de interpretação da guerra é logo introduzida nas primeiras linhas do livro Inglês (FARMER, 2009) e defendida ao longo do texto:

Since 1914 historians have held many different views about the origins of the war. Some think that such a great event must have had great causes. But others have seen the war as simply accident, triggered by a series of unfortunate events in July 1914. (FARMER, 2009, p.35)

Esta interpretação da Guerra “as simply accident”, percorre toda a narrativa, e busca refutar argumentos de intencionalidade. Neste ponto é que as duas narrativas se destoam. Conforme foi descrito acima, o primeiro capítulo de Farmer (2009) é dedicado a trabalhar as causas do conflito sob a ótica do *accident* enquanto Cotrim (2002), em nada compactua com este olhar apesar de sustentar-se na mesma estrutura narrativa como já citado.

Cotrim (2002, p.416), abre o capítulo da seguinte forma:

No início do século XX, havia enorme tensão e rivalidade entre os governos das grandes potências europeias, como Alemanha, Inglaterra e França. Essa tensão resultava de disputas territoriais e por mercados, tanto na Europa quanto fora dela

Farmer não nega nenhum dos elementos apresentados por Cotrim (2002), mas sempre cuida de colocar o acaso, enquanto o excerto acima foi taxativo em colocar as disputas territoriais nos antecedentes diretos, Farmer (2009, p.37) escreve o seguinte sobre a anexação de territórios pela Inglaterra “While Britain annexed large territories, it did so somewhat reluctantly”.

Ainda sobre a incorporação de novos territórios outra estratégia narrativa reforçando a não intencionalidade dos líderes estatais é colocar fora do Estado as ações imperialistas, como é feito com em relação à criação do império Frances:

The creation of a vast French empire in West Africa, for example, was largely the work of the French colonial army, often acting contrary to instructions from Paris (FARMER, 2009, p39)

Reforçando o argumento do *accident*, a estratégia discursiva utilizada, conforme os excertos acima foi afastar os Estados e colocar as ações beligerantes em outras esferas para justificar o conflito, criando a noção, como exemplo, de uma ação de conquista de território sem que nada fosse orquestrado pelos Estados, que apenas entraram em Guerra para resolver um problema que não foi criado por eles.

Trabalhando seus argumentos Farmer (2009, p38) prossegue: “*In the colonial stampede, actions were often simply reactions to particular circumstances – not clearly rationalised policies*” e complementa “*The impetus for expansion frequently came from men on the spot, missionaries, soldiers, explorers and businessmen, rather than from political leaders in Europe.*”, neste ponto fica claro ao usar a expressão “*not clearly rationalised*” e excluir na segunda citação a ação dos líderes políticos que a “tensão” resultante das “disputas territoriais” não possuem as mãos do Estado e não foram planejadas, simplesmente aconteceram.

Cotrim (2002, p.416) adiciona ainda alguns elementos nas causa da guerra:

Os empresários buscavam novos mercados que consumissem seus produtos, o que levou os governos dos países industrializados europeus a disputar colônias na África e na Ásia.

Este parágrafo une empresários e Estados na Guerra, argumento mantido pelo livro Inglês (FARMER, 2009), mas tem importância minimizada e afirma que os grandes conglomerados não tinha muita influência sobre as políticas estatais:

*“Britain (which had the largest empire) had few large combines. Europeans combines that did exist did not have much influence over, nor even always support, their countries’ imperial policies.* (FARMER, 2009, p.37)

E após minimizar as disputas colônias e colocar tais ações para esferas exteriores aos poderes estatais Farmer (2009, p43) conclui:

*Colonial rivalries, on occasion, seriously damage relations between the European powers. Arguably, however, these rivalries provided a safety valve through which the great powers could let off steam, at a safe distance, without harming each other too much.*

Nesse sentido, todas as tensões e rivalidades criadas pelas disputas por mercados e territórios apontadas como centrais para o conflito em Cotrim (2002) é resumida por Farmer (2009) como uma excelente maneira de manter a paz e aliviar as tensões europeias, portanto, elas são elementos que evitavam a guerra.

Seguindo as expressões destacadas no livro brasileiro encontramos o termo “revanchismo francês” (COTRIM, 2002, p.416), que é assim explicado:

movimento nacionalista pelo qual o governo francês visava recuperar os territórios da Alsásia-Lorena, região rica em minério de ferro e carvão que os franceses foram obrigados a entregar aos alemães depois da derrota na Guerra Franco-Prussiana, em 1870

O fato de a França sentir-se humilhada pela derrota frente à Prússia, e a consequente entrega dos territórios como punição pela derrota teria gerado, de acordo com Cotrim (2002), o desejo de retomar os territórios perdidos e assim contribuído para eclodir o conflito. Este “revanchismo francês” de acordo com Farmer (2009, p.59) não existia: “By 1890 agitation to win back Alsace and Lorraine had subsided and thereafter France showed no desire for a war of revenge.”

Além do revanchismo francês também existiam tensões em outras nações, a exemplo de Alemanha e Inglaterra, e sobre as decorrências destas tensões Cotrim (2002, p.416) afirma que este “clima de rivalidade deu origem à chamada **paz armada**: diante do risco de guerra, as potências iniciaram uma corrida armamentista, fortaleceram seus exércitos e formaram alianças poderosas” argumento que é refutado tacitamente, como causa da guerra, por Farmer (2009, p.62) “*However, if arms races led inevitably to war, the world not have survived the Cold War*”.

No excerto acima, Cotrim (2002, p.416) destacou que as potências “formaram alianças poderosas”, a considerar: “**Tríplice Aliança** – formada inicialmente por Alemanha, Áustria e Itália; **Tríplice Entente** – formada inicialmente por Inglaterra, França e Rússia.” alianças formadas “com o objetivo de somar forças para enfrentar os rivais”, nesta construção o sistema de alianças teria sido criado para a guerra.

Segundo Farmer (2009, p.61) as alianças não significavam guerra, da mesma forma que a busca por territórios, o sistema de alianças foi um importante instrumento para manter a paz:

*Interestingly, while many historians after 1914 argued that the alliance system made war inevitable, many contemporaries believed that, by creating a balance of power, it helped maintain peace.*

E para finalizar os eventos que precederam a Guerra temos o conflito nos Balcãs culminando com o assassinato do herdeiro do trono Austro-húngaro Francisco Ferdinando, que foi o estopim para a guerra. Que assim é explicado por Cotrim (2002, p.417):

O estopim da **Primeira Guerra Mundial** foi o assassinato do arquiduque **Francisco Ferdinando**, herdeiro do trono austríaco, e de sua esposa, na cidade de Sarajevo (Bósnio), em 28 de junho de 1914. O autor do crime foi o estudante Gavrilo Princip, pertencente à organização secreta nacionalista **Unidade ou Morte**, que tinha o apoio do governo sérvio [...].

Posicionando o evento do crime, mesmo tendo sido praticado por um indivíduo, ligado a interesses estatais que ligado ao sistema de alianças desarmou a I Guerra Mundial. Novamente Farmer (2009, p.55) segue sua coerência narrativa ao desprover os Estados e seus líderes como agentes diretos responsáveis pelo conflito e coloca o assassinato como uma ação isolada de um grupo:

*The Serbian military intelligence chief, was aware of the assassination plan (but did not expected it to succeed!). Serbian officials also allowed the - armed – assassins to cross into Bosnia. However, Serbian Prime Minister Pasic was not implicated in the murder.*

E de acordo com Farmer (2009) este evento, fruto de um momento accidental deu início ao conflito. De forma bastante habilidosa, o livro inglês (FARMER, 2009) termina os primeiros capítulos apresentando uma representação de um conflito mundial como resultado de ações desastrosas praticadas em esferas não estatais.

### **Conclusão:**

O percurso não tem intenção construir um juízo de valor sobre as obras e julgar qual está correta e qual está errada, se tal conclusão fosse feita, a própria epistemologia da Nova História Cultural, sob a qual o artigo se sustenta seria refutada. Nesta análise o livro brasileiro (COTRIM, 2002), foi o contraponto para investigar o livro inglês

(FARMER, 2009) e desta relação apontar a narrativa de construção da representação da I Guerra Mundial nesta obra.

Da análise da obra inglesa fica patente a construção da I Guerra Mundial sendo resultado de um acidente, e que os Estados não tiveram controle sobre seu início, agentes secundários tiveram papel central neste momento e os Estado entraram para resolver um problema que eles não criaram.

Como contribuição desta discussão ainda é possível destacar como é possível a partir de fatos muito semelhantes, citando os mesmos personagens históricos, eventos, usando os mesmos mapas, construir representações totalmente diferentes na construção narrativa.

A representação dos vencedores do conflito e dos fatos relevantes é compartilhada por ambos, mas o tecido narrativo inglês é muito mais cuidadoso ao taxar culpados e apontar motivos. Desta forma, a representação vencedora da I Guerra Mundial, a partir da ancoragem nos mesmos fatos, chegou ao Brasil, mas o “acidente” da I Guerra Mundial ainda não.

#### **FONTES:**

COTRIM, g. **História Global**, Brasil e Geral. Vol. Único. São Paulo, Editora Saraiva. 6ª edição. 2002.

Farmer A. *An introduction to Modern European history 1890-1990*. London, Hodeer Education, 2009.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

MUNAKATA, K. **O livro didático**: alguns temas de pesquisa. Rev. bras. hist. educ., Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012

MUNAKATA, K. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. Tese (Doutorado em história e filosofia da educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, 1999.

NUNES, C; CARVALHO, M. **Historiografia da educação e fontes**. In: GONDRA, J. G. (Org). Pesquisa em História da Educação no Brasil, Rio de Janeiro: DP&A, 2005

FOSTER, S. **Whose history? Portrayal of immigrant groups in U.S. history textbooks**, 1800-present. In S. Foster & K. Crawford (Eds.), What shall we teach the children? International perspectives on school history textbooks (pp. 155- 178). Greenwich, CT: Information Age Publishing, 2006.